

Por onde anda a cidadania?

Estudantes da Faculdade de Direito da USP fazem campanhas pelos direitos básicos de qualquer um

Elles são um tanto idealistas. Têm em comum a vontade de defender a justiça, trabalhar pelo bem social e tentar melhorar as condições de vida. Nem tudo está perdido neste país. Empenhados na luta pelos direitos humanos, eles não ficam só na teoria.

A questão dos direitos humanos sempre foi uma grande bandeira dos estudantes da Faculdade de Direito da USP. Gustavo Ungaro, de 21 anos, agarra a causa com a responsabilidade de quem é coordenador (cargo mais conhecido como presidente) do Centro Acadêmico 11 de Agosto. Para chegar à faculdade, Gustavo pula todos os dias sobre mendiagos até entrar no templo soberbo de arquitetura antiga, que fica no Largo São Francisco (Centro). "É um paradoxo, do lado de fora há a exclusão, e, aqui dentro, vemos as garotas arrumadas e perfumadas, de tailleur, prontas para ir para seus estágios", diz ele. "Isso gera o inconformismo." O inconformismo gera a vontade de batalhar pelos direitos huma-

nos, como uma maneira de achar respostas para os problemas da fome, educação e moradia – direitos básicos de qualquer cidadão.

Para não ficar só na teoria, já que advogados estão sempre às voltas com livros e leis, o CA organiza shows e cobra como ingresso alimentos para serem doados a soropositivos. Já participou da sub-comissão de direitos humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) na Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e trouxe até a discussão à faculdade. Na biblioteca do CA, há uma cópia do dossiê dos mortos e desaparecidos na época da ditadura. "É para quem quiser consultar", explica. "Também para trazer à memória para que isso não se repita." Quando houve o massacre dos sem-terra no Eldorado dos Carajás, os estudantes mostraram sua indignação em um ato ecumênico na Praça da Sé. Nenhuma violência passa em branco na Faculdade de Direito da USP.

Atualmente, uma campanha pelo reconhecimento da Corte Interamericana de Direitos Humanos, que é um tribunal internacional responsável por julgar violações de direitos humanos, é a maior empreitada do CA. "É um absurdo o Brasil não reconhecer a corte, sendo que tem até um juiz brasileiro nela", diz Gustavo, indignado. O reconhecimento é importante para que as autoridades sofram pressão para punir os responsáveis por brutalidades como o massacre dos sem-terra, a chacina da Candelária, etc. No caso de ser condenado pela corte, o país pode sofrer sanções comerciais e embaraços diplomáticos nada agradáveis para a imagem do Governo.

Quem concorda e quer aderir à manifestação, é só mandar um fax para o 11 de Agosto (tel. 011-239-3970).

O CA também organizou o Seminário Internacional de Direitos Hum-

nos, Globalização e Pobreza, que será nos dias 27 e 28 deste mês. O seminário contará com os professores Dalmo de Abreu Dallari, Makau Wa Mutua e Henry Steiner (da Harvard Law School) e outros profissionais renomados. As inscrições são gratuitas. É só telefonar (tel. 011-239-3077 r. 481).

Outra boa idéia é o catálogo *Por Onde Anda a Cidadania?*, que deve ser publicado este mês. Terá os perfis das entidades ligadas aos direitos humanos, as possibilidades de trabalhos voluntários e estágios. "A idéia é ampliar o catálogo a cada ano", conta Denise Hirao, de 21 anos, diretora do Departamento de Cidadania do 11 de Agosto. "Assim vamos mostrar aos estudantes que há muita coisa a ser feita."

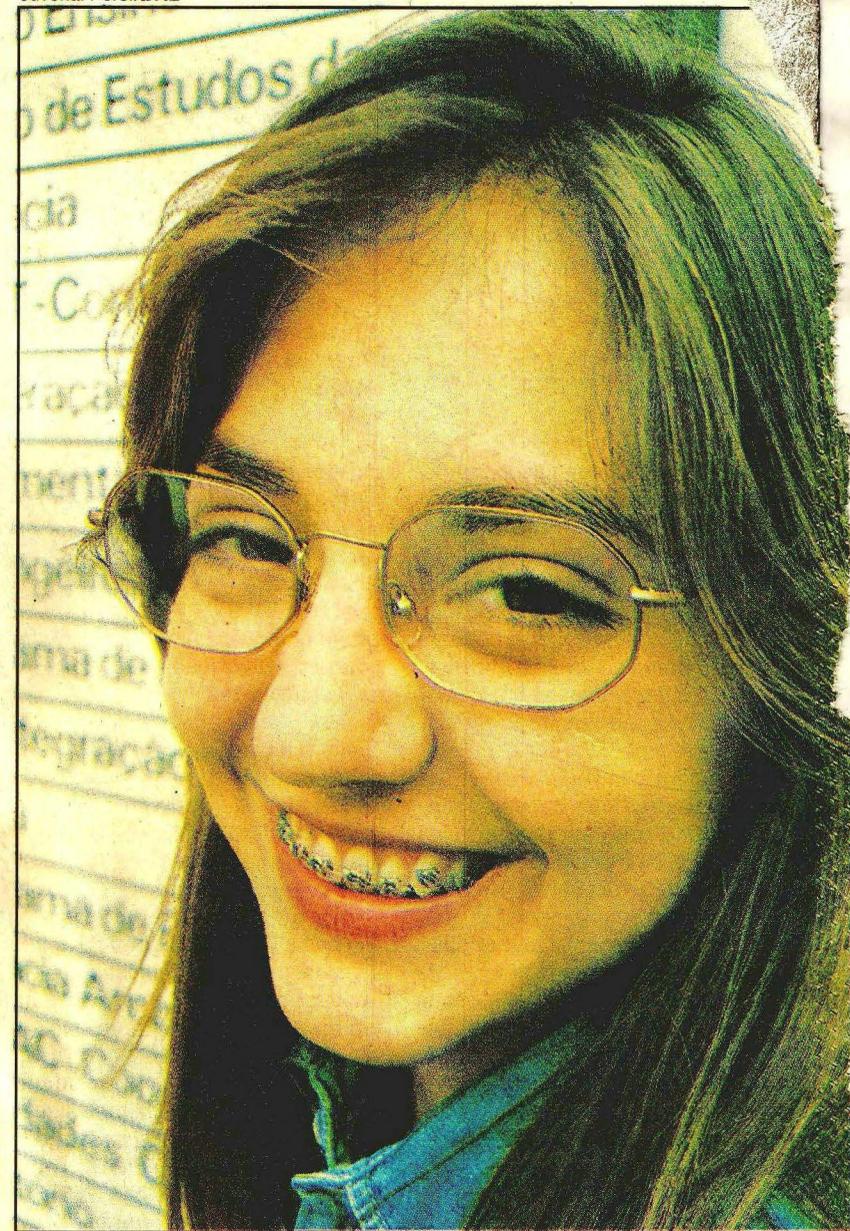
Denise e Gustavo têm uma vida acelerada. Passam o dia todo na faculdade, seja assistindo a aulas, organizando debates, seminários e festas ou participando de reuniões com entidades. Durante os intervalos do corre-corre, ela resolve os problemas domésticos, como pagar contas. Desde caloura, Denise, agora no 3º ano, está na luta. Participou do Grupo de Cidadania (*texto abaixo, à dir.*), indo em comunidades carentes e falando sobre direitos humanos.

Também fez estágio na Associação em Defesa da Moradia, dando assistência judiciária para população de baixa renda. "Tive de largar tudo na minha vida quando entrei no 11, inclusive as aulas de inglês e francês", diz a garota, que se dedica integralmente às causas sociais.

Gustavo também teve de abrir mão de seus cursos de inglês e latim ("Vão achar que sou de Marte"). Entrando às 7h30 e saindo às 22h30 da São Francisco, ficou impossível arranjar tempo para a natação e o tênis, esportes que praticava. Até o namoro entrou na dança...

Quase sempre, o presidente (título que não gosta) almoça no bande-

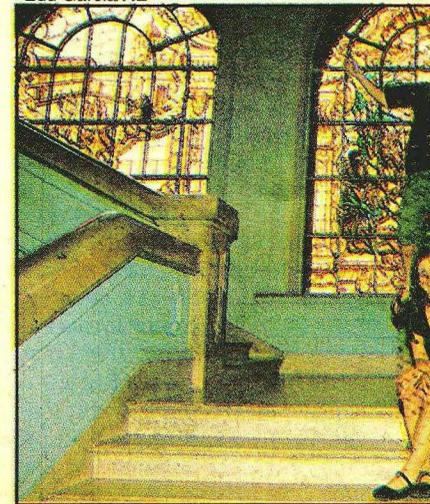
ESTUDANTES DOAM ALIMENTOS PARA SOROPOSITIVOS



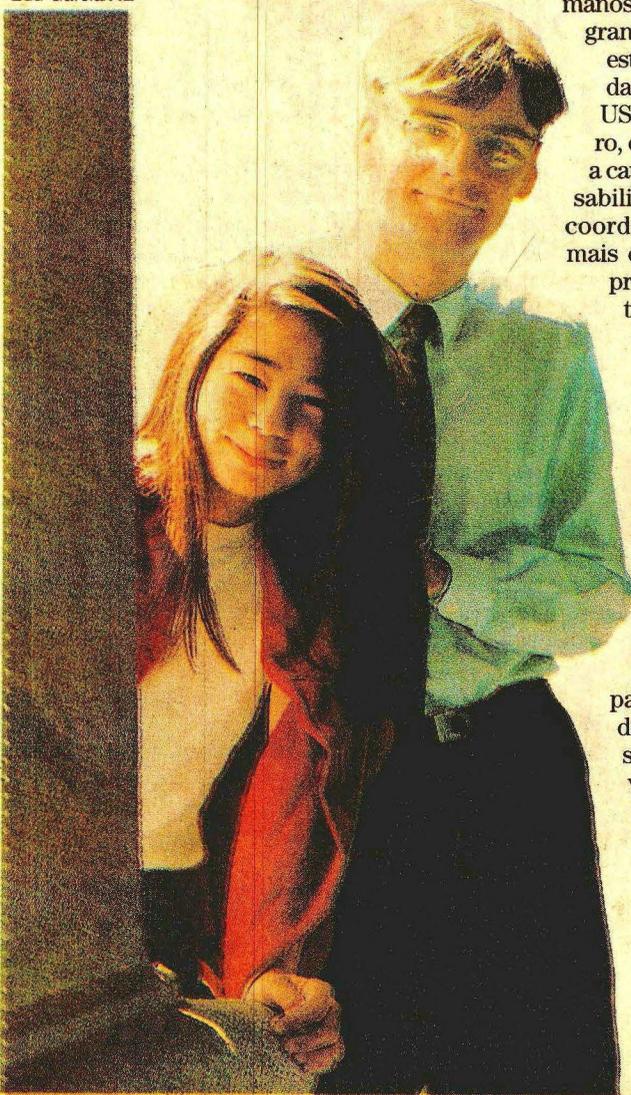
Edu Garcia/AE

irão. O jantar, na república onde mora com mais três estudantes, é na base do miojo. A única TV da república é "podre", por isso ele não assiste. "Acabo lendo alguma coisa à noite", diz. No momento, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, e *O Próximo Passo – Uma Alternativa Prática ao Neoliberalismo*, de Roberto Mangabeira Unger, são seus livros de cabeceira.

Nos fins de semana, ele descansa, ao lado da família, em Jundiá. Sai com os amigos, "tenta estudar e fazer atividades mais culturais, como ir ao cinema". É quando finalmente consegue seus direitos. (Daniela Broitman)



Edu Garcia/AE



Gustavo e Denise: indignação contra a injustiça